

# Orquestra Barroca

Casa da Música

# Coro

Casa da Música

Hervé Niquet direcção musical

19 Jan 2020 · 18:00 Sala Suggia

VIVE LA FRANCE!  
ANO FRANÇA  
CICLO BARROCO BPI



casa da música

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA





Maestro Hervé Niquet  
sobre o programa do concerto.

VIMEO.COM/385249013

MECENAS MÚSICA CORAL



APOIO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



---

1ª PARTE

## Marc-Antoine Charpentier

Missa "Assumpta est Maria", H. 11 (c.1698-1702; c.40min)

1. Kyrie
2. Gloria
3. Credo
4. Sanctus  
Élévation: O salutaris hostia, H. 262 (c.1692-93)  
Benedictus pour l'orgue
5. Agnus Dei  
Domine salvum fac regem, H. 303 (c.1702)

---

2ª PARTE

## Marc-Antoine Charpentier

Marche de Triomphe & Second Air, H. 547 (1691-92?; c.5min)

*Te Deum*, H. 146 (1692?; c.25min)

1. Prélude: Rondeau
2. Te Deum laudamus
3. Te æternum Patrem
4. Pleni sunt cæli et terra
5. Te per orbem terrarum
6. Tu devicto mortis aculeo
7. Te ergo quæsumus
8. Æterna fac cum Sanctis tuis
9. Dignare, Domine
10. Fiat misericordia tua
11. In te, Domine, speravi

Textos originais e traduções nas páginas 9 a 13.

## Marc-Antoine Charpentier

ÎLE-DE-FRANCE, 1643

PARIS, 24 DE FEVEREIRO DE 1704

Charpentier é um dos mais fascinantes e originais compositores franceses de todos os tempos, mas durante a sua vida não conseguiu atingir a notoriedade de outros seus contemporâneos, o que ele próprio expressou com ressentimento. A história é complexa e Charpentier foi sobretudo uma vítima colateral do grande conflito entre o onnipotente Jean-Baptiste Lully e Molière. As suas opções estéticas talvez não fossem as mais adequadas ao momento, ao assumir o papel de paladino do estilo italiano, num momento em que Luís XIV orientava politicamente as artes para a construção de um gosto oficial francês. Faltou-lhe ainda alguma sorte, ao ter de desistir, por doença, da sua maior oportunidade profissional: o concurso para Vice-Mestre da Capela Real.

Mas não lhe faltaram ao longo da sua vida patronos influentes, nem prestigiantes oportunidades. Após o seu regresso de Itália, onde estudou em Roma, muito possivelmente com o grande Carissimi, encontrou apoio e trabalho junto da rica e poderosa família dos Duques de Guise, seguindo-se os influentes Jesuítas. A associação a Molière – sobretudo na conturbada criação de *Le Malade Imaginaire* – e a outros dramaturgos famosos, como Corneille e Dancourt, tornaram a sua música popular em Paris. Se a sua grande tragédia *Médée* foi um fracasso na Ópera de Paris, tal deveu-se a uma cabala por sequazes reaccionários do já defunto Lully. Mas não lhe faltaram apoiantes, como o Delfim (o herdeiro do trono) ou o futuro regente, Philippe d'Orléans, ambos seus alunos. O rei e a corte escutaram com apreço as suas óperas de câmara nos salões

e motetos na capela de Versalhes; repetidas vezes o jornal *Mercure de France* fez eco de tal aprovação. Após a sua morte foi a Biblioteca Real que adquiriu (por uma bagatela, é certo...) as dezenas de cadernos manuscritos, conhecidos como *Meslanges*, compreendendo todas as obras que compôs ao longo da vida, e meticulosamente compiladas numa espécie de arquivo-catálogo pessoal.

Ainda que vários destes cadernos se tenham extraviado, conservam-se quase 600 obras. Muitas são composições de curta duração e para efectivos reduzidos. Charpentier pode ser considerado um miniaturista; as suas criações são comparáveis a iluminuras ou a trabalhos de ourivesaria: delicadas, refinadas, subtis. Até as obras de maiores dimensões se subdividem, frequentemente, em breves secções, reflectindo a pormenorizada atenção ao texto e a urgência em sublinhar cada afecto. Esse mesmo cuidado evidencia-se também na forma como estrutura arquetonicamente as composições mais vastas, resultando sempre equilibradas na sua grandiosidade, pois quando necessário soube “pintar” largos frescos consagrados à glória de Deus ou do seu ungido, o Rei-Sol.

No século XVII a Missa concertada ao estilo italiano teve muito pouco sucesso em França. O estilo concertado desenvolveu-se antes em estreita associação com um outro género musical sacro, o *Grand Motet*. No colossal estilo de Versalhes, foi introduzido na Capela Real por Du Mont e Lully e viria a culminar nas obras magnificentes de De Lalande. Transformou-se, já no século XVIII, ao adaptar-se ao gosto operático predominante nas séries de concertos públicos, como o célebre *Concert Spirituel*. A Missa restringiu-se em França aos círculos mais tradicionais.

Continuavam a interpretar-se obras polifónicas do século XVI em contraponto imitativo e só ocasionalmente se adicionava às velhas partituras um simples acompanhamento instrumental, sob a forma de baixo contínuo. Compuseram-se também missas em cantochão, numa versão “barroquizante” do canto gregoriano. Em França era muito popular, nas paróquias, nos mosteiros e nos conventos, a *Missa de Órgão*, em que os versículos do cantochão alternavam ou eram substituídos por obras a solo para este instrumento, desde curtos versos até extensos prelúdios, fugas e ofertórios. Compostas por Marchand, Grigny, Raison, Couperin, Lebégue e tantos outros, constituem hoje a glória da escola organística francesa. A participação do órgão na missa, independentemente do coro e da eventual orquestra, manteve-se mesmo nas obras concertantes, encontrando-se frequentemente indicações como “L’Orgue joue icy un couplet” ou “Benedictus pour l’Orgue”.\*

Quanto ao rei Luís XIV, esse detestava missas cantadas. A missa diária celebrada na Capela Real de Versalhes era sempre, fossem dias feriais ou festivos, dita “baixa” (isto é, inaudível) pelo celebrante. O rei e a corte assistiam à “coreografia” que decorria silenciosa no altar-mor, enquanto a *Chapelle* interpretava uma sucessão de três motetos. Primeiro, um *Grand Motet* – grande na duração (15 a 20 minutos) e no efectivo (solistas, coro e orquestra) – que se estendia até ao momento do *Sanctus*. O texto era normalmente extraído de um salmo com a temática ajustada ao tempo litúrgico. Depois, a acompanhar a Consagração, no momento fulcral da missa, interpretava-se um *Petit Motet*, que durava apenas breves minutos e era escrito para um efectivo muito reduzido e íntimo: apenas algumas vozes solistas,

com o contínuo e ocasionalmente algum violino ou flauta. A temática, eucarística, era normalmente expressa num texto de pendor contemplativo e muito emocional, pleno de interjeições melífluas e exclamações extáticas. Este moteto era conhecido normalmente como *Élévation*, pois acompanhava o momento em que o sacerdote elevava, para a tornar visível, a hóstia já consagrada. Charpentier escreveu cerca de 50 *Élévations*, frequentemente sobre textos iguais ou muito idênticos. O mais frequentemente empregue é *O salutaris hostia*, uma estrofe extraída do hino *Verbum supernum prodiens*, composto por S. Tomás de Aquino para a festa do Corpo de Deus. O tratamento por parte do compositor de uma mesma poesia mas sempre de forma tão variada evidencia a sua ilimitada criatividade, quer nas forças empregues quer na veemência expressiva. O resultado são obras miniaturais mas transcendentais de fervor místico.

A cerimónia concluía-se com a execução do *Domine salvum fac regem*, também conhecido como *Prière pour le Roi*, e que era constituído por um único versículo do salmo 19 seguido da doxologia menor (*Gloria Patri*). Esta prece, introduzida na Idade Média, assumiu no século XVII um lugar fixo na liturgia e nenhuma celebração pública poderia concluir sem a sua recitação. Todos os grandes compositores franceses deixaram pelo menos um *Domine salvum* e Charpentier musicou este texto nada menos do que 24 vezes. Normalmente é tratado como um *Petit Motet* mas há versões para grande efectivo e com maior duração. Tanto a tradição do moteto para a Elevação como a do *Domine salvum* irão transitar da Capela Real para todas as grandes igrejas de França e é incorporada por Charpentier nas suas missas. Para

várias delas o compositor compôs especificamente pelo menos uma destas obras, ou deixa instruções precisas para a sua inclusão: “Icy on chante une Élevation courte s’il ya le temps” ou “Passez au D[ominu]m salvum”.\*

As 12 missas de Charpentier constituem uma notabilíssima excepção neste contexto, e aos mais variados níveis. Escritas ao longo de toda a sua carreira, cada uma delas é extraordinária e a sua variedade é admirável. Destinam-se a diversas ocasiões litúrgicas: três missas de Defuntos (*Requiem*); uma missa para a noite de Natal; uma outra para o Sábado Santo; e uma missa para a Assunção. As formações utilizadas e os intérpretes requeridos são sempre diferentes: uma missa para vozes femininas em unísono, com singelo acompanhamento de órgão, escrita para o muito austero convento jansenista de Port-Royal; missas para vozes apenas com baixo contínuo; missas a duplo coro com orquestra; uma grandiosa missa policoral a 4 coros (16 vozes) evocando o barroco colossal romano da sua juventude; e até uma paradoxal *Missa de Órgão* sem órgão (*Messe pour plusieurs instruments au lieu des orgues*)!

A **Missa “Assumpta est Maria”**, considerada a sua obra-prima, foi a última composta por Charpentier e deixa pressentir uma génese complexa, levantando alguns problemas de interpretação. As fontes existentes compreendem não só a partitura autógrafa incluída nas já mencionadas *Meslanges* mas também um conjunto de partes vocais e instrumentais, algumas delas similarmente autógrafas. Deste conjunto de materiais é possível deduzir que existiram pelo menos duas versões da obra: uma com acompanhamento reduzido de dois violinos, duas flautas e contínuo, e que será a mais antiga; e outra com acompanhamento

de orquestra de cordas a quatro partes com órgão. Não há solos instrumentais e a adição de instrumentos de sopro é possível mas não indispensável. O efectivo vocal desta missa é algo incomum. O título completo da obra especifica “sex vocibus cum simphonia” ou seja, seis vozes com instrumentos. Contudo o *Grand Chœur* é a cinco partes, aqui seguindo a prática da Capela Real e das grandes catedrais do reino, e só esporadicamente está escrito a 6 vozes, quando a linha de soprano se desdobra. Quanto aos solistas, ao longo da partitura são especificados oito: dois sopranos, dois *haute-contres* (tenores agudos), dois tenores e dois baixos, que se agrupariam num segundo coro, o chamado *Petit Chœur*.

A data de 1702 parece ser a da última versão, mas a original poderá ter sido escrita perto de 1698. Foi composta para a Solenidade da Ascensão de Nossa Senhora, festejada pela Igreja Católica no dia 15 de Agosto. A conexão com esta celebração específica é corroborada pela inclusão em alguns dos andamentos (nomeadamente na sinfonia inicial e no *Christe eleison*) de alusões melódicas a uma antífona usada nas Vésperas da festa e incluída num *Antiphonarium monasticum* publicado em Paris em 1696. Mas como o Ordinário da missa (as partes musicadas por Charpentier) eram comuns à liturgia de qualquer Domingo ou solenidade fora do Advento ou da Quaresma, nada impede que a obra tenha sido utilizada numa outra festa, o que é provável.

A instituição para a qual foi composta é também um enigma. A primeira versão, hipoteticamente com apenas 6 cantores e pequeno conjunto instrumental, poderá ter sido composta para os Jesuítas da Igreja de Saint-Louis onde Charpentier ocupou o posto de director musical desde cerca de 1688 até

1698. As fortes ligações da Companhia de Jesus com Roma faziam com que aqui se salientasse a influência italiana, tornando a prática de cantar missas concertadas mais comum; e foi de facto para os Jesuítas que Charpentier compôs a maioria das suas missas. Já a versão posterior com *Grand Chœur* e orquestra deverá ter sido destinada à Sainte-Chapelle du Palais, onde o compositor ocupou o relevante cargo de Mestre de Capela desde 1698 até à sua morte, e para a qual destinou algumas das suas composições mais monumentais.

A música é sublime, e a sua profundidade resulta do sábio recurso ao esmerado contraponto. Este contrasta com passagens de suprema delicadeza e intimidade, sobretudo nos solos, que apresentam uma riqueza ímpar de combinações vocais, e aos quais são confiados os momentos mais intensos do texto litúrgico. Mesmo nos *tuttis* as passagens mais transcendentais são as que retratam a paz, a misericórdia e a graça divinas, como o *Et in terra pax* e o *Et homo factus est* – sempre com uma ternura e uma suavidade que são apanágio de Charpentier. Igualmente característica é a harmonia expressiva e audaz, abundante em retardos dissonantes, intensos intervalos aumentados e falsas relações cromáticas.

Igualmente composto para os Jesuítas foi o magnífico e jubiloso *Te Deum*, ao qual se deve hoje a celebridade de Charpentier. Em 1954, o refrão do prelúdio inicial foi escolhido como tema introdutório das emissões da União Europeia de Radiodifusão, sendo hoje conhecido do grande público pela sua utilização na abertura dos *Jogos sem Fronteiras* e, sobretudo, do *Festival Eurovisão da Canção*. Mas convém clarificar que se este é o mais célebre *Te Deum* do compositor, não é contudo o

único, pois compôs seis e destes sobrevivem quatro. A par de duas obras despreziosas, uma com acompanhamento de cordas e outra só com baixo contínuo, há ainda um outro, festivo e exuberante, para dois coros e orquestra.

O *Te Deum* é um hino de acção de graças tradicionalmente atribuído a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho, que o teriam improvisado numa oração dialogante. Terá tido origem entre os séculos VI e VII no Rito Ambrosiano, em uso na zona de Milão e da Lombardia, mas o seu uso estendeu-se gradualmente a toda a Igreja. Liturgicamente era cantado no final das Matinas, substituindo o nono e último responsório, em todos aqueles dias em que se cantava o Glória na missa – ou seja, todos os Domingos do ano, excepto no Advento e na Quaresma, e em todas as principais solenidades. O seu texto festivo e laudatório, composto por versículos soltos extraídos de salmos e cânticos bíblicos, cedo começou a ser utilizado naqueles momentos que requeriam uma oração pública e solene de agradecimento. Em França, no período Barroco, o *Te Deum* era cantado publicamente na Capela Real e nas principais igrejas do reino quando das datas festivas ligadas ao quotidiano da família real (aniversários, baptizados, casamentos, recobros após doenças graves), bem como para celebrar as grandes vitórias militares e a assinatura dos tratados de paz.

Este *Te Deum* de Charpentier, presumivelmente composto para os festejos da vitória francesa na Batalha de Steinkerque, em Agosto de 1692, é o único que inclui na orquestra trombetas e atabales, sendo por isso comparável aos outros grandes *Te Deum* contemporâneos – como os de Lully, De Lalande e Campra. A obra é pontuada com sinfonias e ritornelos com fanfarras

estrepitosas confiadas às trombetas, incluídas também no acompanhamento dos coros mais resplandecentes. Mas, como é peculiar ao compositor, são muito mais abundantes e extensas as passagens sensíveis e delicadas, com acompanhamentos confiados a suaves pares de violinos ou flautas, ou mesmo só ao baixo contínuo. Esta discrição e economia de recursos aplica-se igualmente ao uso do coro. A escrita a quatro partes emoldura as grandes secções, estruturando a obra, mas os momentos de escrita mais expressiva e subtil são confiados aos vários solos, duos e trios. Nestes, uma escrita melódica sensual e refinada alia-se à opulência harmónica, ilustrando, com requinte detalhista, as mais subtis nuances do texto. Na época, o *Te Deum* era frequentemente cantado em acção de graças no último dia do ano. Contudo, seguramente que Charpentier não se oporia a ver este seu soberbo e faustoso *Te Deum* inaugurar mais um ano, que se espera pleno de sucessos e vitórias mas, sobretudo, abundante de paz e boa música!

FERNANDO MIGUEL JALÔTO, 2020

\*Indicações autógrafas presentes nos manuscritos da Missa "Assumpta est Maria".



## Missa “Assumpta es Maria”

### 1. Kyrie

(Symphonie)

*Kyrie eleison.*

*Christe eleison.*

(Symphonie)

*Kyrie eleison.*

Senhor, tem piedade.

Cristo, tem piedade.

Senhor, tem piedade.

### 2. Gloria

*Gloria in excelsis Deo*

*Et in terra pax hominibus*

*bonæ voluntatis.*

*Laudamus te, benedicimus te,*

*adoramus te, glorificamus te.*

*Gratias agimus tibi*

*propter magnam gloriam tuam.*

*Domine Deus, Rex cælestis*

*Deus Pater Omnipotens,*

*Domine Fili unigenite Jesu Christe,*

*Domine Deus, Agnus Dei, Filius Patris.*

*Qui tollis peccata mundi,*

*miserere nobis.*

*Qui tollis peccata mundi,*

*suscipe deprecationem nostram.*

*Qui sedes ad dexteram Patris,*

*miserere nobis.*

*Quoniam tu solus sanctus,*

*tu solus Dominus, tu solus altissimus,*

*Jesu Christe.*

*Cum Sancto Spiritu,*

*in gloria Dei Patris.*

*Amen.*

Glória a Deus nas alturas

e paz na terra aos homens

de boa vontade.

Nós te louvamos, nós te bendizemos.

Nós te adoramos, nós te glorificamos.

Damos graças a ti

pela tua glória infinita.

Senhor Deus, Rei dos céus,

Deus Pai onipotente,

Senhor Jesus Cristo, filho único de Deus,

Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho do Pai.

Tu que tiras os pecados do mundo,

tem piedade de nós.

Tu que tiras os pecados do mundo,

aceita nossa súplica.

Tu que estás sentado à direita do Pai,

tem piedade de nós.

Porque só tu és santo,

só tu és o Senhor, só tu o altíssimo,

Jesu Cristo.

Com o Espírito Santo

na glória de Deus Pai.

Ámen.

## 2. Credo

*Creo in unum Deum,  
Patrem omnipotentem,  
factorem cæli et terræ,  
visibilium omnium et invisibilium.*

*Et in unum Dominum Jesum Christum,  
Filium Dei unigenitum  
et ex Patre natum ante omnia sæcula.  
Deum de Deo, lumen de lumine,  
Deum verum de Deo vero.  
Genitum, non factum,  
consubstantialem Patri,  
per quem omnia facta sunt.*

*Qui propter nos homines  
et propter nostram salutem  
descendit de cælis.*

*Et incarnatus est de Spiritu Sancto  
ex Maria virgine, et homo factus est.*

*Crucifixus etiam pro nobis,  
sub Pontio Pilato  
passus et sepultus est.*

*Et resurrexit tertia die,  
secundum scripturas.  
Et ascendit in cælum,  
sedet ad dexteram Patris,  
et iterum venturus est cum gloria,  
judicare vivos et mortuos,  
cujus regni non erit finis.*

*Et in Spiritum Sanctum,  
Dominum et vivificantem,  
qui ex Patre Filioque procedit,  
qui cum Patre et Filio  
simul adoratur et conglorificatur,  
qui locutus est per Prophetas.  
Et unam sanctam,  
catholicam et apostolicam Ecclesiam.*

Creio num só Deus,  
Pai todo-poderoso,  
criador do céu e da terra,  
de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creio num só Senhor, Jesus Cristo,  
Filho unigénito de Deus  
e nascido do Pai antes de todos os séculos.  
Deus de Deus, luz de luz,  
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,  
gerado, não criado,  
consubstancial ao Pai,  
por quem todas as coisas foram feitas.

O qual por nós homens  
e para nossa salvação  
desceu dos céus.

E se encarnou, por obra do Espírito Santo,  
da Virgem Maria, e se fez homem.

Foi crucificado por nós,  
sob Pôncio Pilatos  
padeceu e foi sepultado.

Ressuscitou ao terceiro dia,  
segundo as escrituras.  
E subiu ao céu,  
está sentado à direita do Pai,  
e outra vez há de vir com glória  
para julgar os vivos e os mortos,  
e o seu reino não terá fim.

E no Espírito Santo,  
Senhor e fonte de vida,  
que procede do Pai e do Filho,  
que com o Pai e o Filho  
é igualmente adorado e glorificado,  
e que falou por meio dos Profetas.  
E na santa Igreja  
católica e apostólica.

*Confiteor unum baptisma  
in remissionem peccatorum.  
Et expecto resurrectionem mortuorum.  
Et vitam venturi sæculi. Amen.*

Confesso um só baptismo  
para a remissão dos pecados.  
E espero a ressurreição dos mortos.  
E a vida eterna. Ámen.

### **3. Sanctus**

(Symphonie)

*Sanctus, sanctus, sanctus,  
Dominus Deus Sabaoth.  
Pleni sunt cæli et terra gloriæ tua.  
Hosanna in excelsis.*

Santo, santo, santo,  
Senhor Deus do Universo.  
Cheios estão os céus e a terra da tua glória.  
Hossana nas alturas.

### **Élévation: O salutaris hostia**

*O salutaris hostia  
quæ cæli pandis ostium,  
bella premunt hostilia:  
da robur, fer auxilium.*

Ó vítima salvadora,  
que abres a porta do céu,  
as funestas guerras perseguem-nos:  
dá-nos força, vem em nosso auxílio.

(Benedictus pour l'orgue)

### **4. Agnus Dei**

(Symphonie)

*Agnus Dei,  
qui tollis peccata mundi,  
miserere nobis.*

Cordeiro de Deus,  
que tiras os pecados do mundo,  
tem piedade de nós.

*Agnus Dei,  
qui tollis peccata mundi,  
miserere nobis.*

Cordeiro de Deus,  
que tiras os pecados do mundo,  
tem piedade de nós.

*Agnus Dei,  
qui tollis peccata mundi,  
dona nobis pacem.*

Cordeiro de Deus,  
que tiras os pecados do mundo,  
dá-nos a paz.

(Symphonie)

### **Domine salvum fac regem**

*Domine salvum fac regem  
et exaudi nos in die qua invocaverimus te.*

Senhor, salva o rei  
e ouve-nos no dia em que te invocarmos.

# Te Deum

## 1. Prélude: Rondeau

–

## 2. Te Deum laudamus

*Te Deum laudamus:  
te Dominum confitemur.*

Louvamos-te, Deus;  
confessamos-te, Senhor:

## 3. Te æternum Patrem

*Te æternum Patrem omnis terra veneratur.  
Tibi omnes Angeli, tibi cæli  
et universæ potestates:  
tibi Cherubim et Seraphim,  
incessabili voce proclamant:  
Sanctus, Sanctus, Sanctus  
Dominus Deus Sabaoth.*

Toda a Terra te venera, Pai eterno.  
A ti, todos os Anjos;  
a ti, os céus e todos os poderes.  
A ti, os Querubins e os Serafins  
proclamam com uma voz incessante:  
Santo, Santo, Santo,  
Senhor Deus dos Exércitos Celestes.

## 4. Pleni sunt cæli et terra

*Pleni sunt cæli et terra  
majestatis gloriæ tuæ.  
Te gloriosus Apostolorum chorus,  
te Prophetarum laudabilis numerus:  
te Martyrum candidatus  
laudat exercitus.*

Os céus e a terra estão repletos  
da grandeza da tua glória.  
Louva-te o glorioso coro dos Apóstolos,  
Louva-te a venerável legião dos Profetas,  
Louva-te o exército, vestido de branco,  
dos Mártires.

## 5. Te per orbem terrarum

*Te per orbem terrarum  
sancta confitetur Ecclesia,  
Patrem immensæ majestatis,  
venerandum tuum verum, et unicum Filium,  
Sanctum quoque Paraclitum Spiritum.  
Tu Rex gloriæ, Christe.  
Tu Patris sempiternus es Filius.  
Tu ad liberandum  
suscepturus hominem,  
non horruisti Virginis uterum.*

Reconhece-te, por toda a Terra,  
a Santa Igreja:  
A ti, Pai de infinita majestade;  
Ao teu venerando, verdadeiro e único Filho;  
E também ao Espírito Santo, o Paracleto.  
Tu, Cristo, rei de glória:  
Tu és o Filho sempiterno do Pai.  
Tu, que haverias de sofrer para  
salvar o homem,  
não temeste o ventre da Virgem.

## 6. Tu devicto mortis aculeo

*Tu devicto mortis aculeo,  
aperuisti credentibus regna cælorum.  
Tu ad dexteram Dei sedes, in gloria Patris,  
Judex crederis esse venturus.*

Tu, vencido o aguilhão da morte,  
abriste o reino dos céus aos fiéis.  
Tu sentas-te à direita de Deus, na glória do Pai.  
Nós cremos que voltarás como juiz.

## 7. Te ergo quæsumus

*Te ergo quæsumus,  
famulis tuis subveni,  
quos pretioso sanguine redemisti.*

Rogamos-te, por isso,  
que protejas os teus servos,  
que redimiste com o teu precioso sangue.

## 8. Æterna fac cum Sanctis tuis

*Æterna fac cum Sanctis tuis  
in gloria numerari.  
Salvum fac populum tuum, Domine,  
et benedic hereditati tuæ.  
Et rege eos, et extolle illos usque in æternum.  
Per singulos dies, benedicimus te.  
Et laudamus nomen tuum in sæculum,  
et in sæculum sæculi.*

Faz por contá-los entre os teus santos  
na glória eterna.  
Salva o teu povo, Senhor,  
e abençoa a tua herança.  
Guia-os e exalta-os até à eternidade.  
Dia após dia, te celebramos  
e louvamos o teu nome  
para sempre e pelos séculos dos séculos.

## 9. Dignare, Domine

*Dignare, Domine,  
die isto sine peccato nos custodire.  
Miserere nostri, Domine,  
miserere nostri.*

Digna-te, Senhor,  
a guardar-nos sem pecado neste dia.  
Tem piedade de nós, Senhor,  
tem piedade de nós.

## 10. Fiat misericordia tua

*Fiat misericordia tua, Domine, super nos,  
quemadmodum speravimus in te.*

Sê misericordioso connosco, Senhor,  
do mesmo modo que nós tivemos  
esperança em ti.

## 11. In te, Domine, speravi

*In te, Domine, speravi:  
non confundar in æternum.*

Tive esperança em ti, Senhor:  
que eu jamais seja confundido.

Traduções: Joana Serafim (*O salutaris hostia, Domine salvum fac regem e Te Deum*);  
versão portuguesa dos textos litúrgicos (ordinário da missa).

## Hervé Niquet direcção musical

Hervé Niquet estudou com Marie-Cécile Morin, antiga aluna de Marguerite Long e Maurice Ravel. É conhecido como um maestro meticoloso que busca as intenções originais dos compositores através do cumprimento rigoroso dos manuscritos. Depois da sua formação como harpista, organista, pianista, cantor, compositor e maestro coral e orquestral, ganhou experiência enquanto preparador vocal na Ópera Nacional de Paris. No trabalho com coreógrafos como Rudolf Nureyev e Serge Lifar, evoluiu no sentido de se tornar um perito nas fontes musicais fora dos caminhos trilhados pelas interpretações tradicionais.

Em 1987 fundou Le Concert Spirituel com o objectivo de recuperar o grande moteto francês e que ganhou, entretanto, reconhecimento internacional como um dos ensembles mais importantes na interpretação da música barroca. O seu repertório passa por diferentes estilos e géneros, da música sacra à sinfónica, passando pela ópera, tendo recuperado obras totalmente desconhecidas de compositores franceses, ingleses e italianos daquele período.

Dirige importantes orquestras internacionais, abordando com o mesmo empenho o repertório do século XIX e do início do século XX. Acredita que a música francesa permaneceu original ao longo dos séculos. Enquanto pioneiro musical, juntou-se à criação do Palazzetto Bru Zane – Centro de Música Romântica Francesa em Veneza, em 2009, uma fundação com a qual desenvolveu vários projectos. Participou em diversas redescobertas significativas, dirigindo *Herculanum* de Félicien David, *Dimitri* de Victorin Joncières, *La légende des ours* de Marie Jaëll e *La Reine de Chypre* de Fromental Halévy.

Apaixonado por ópera, Hervé Niquet dirige frequentemente produções, tanto com Le Concert Spirituel como na condição de maestro convidado. Trabalhou com encenadores dos mais diversos estilos, entre eles Mariame Clément, Georges Lavaudant, Gilles e Corinne Benizio (conhecidos como Shirley e Dino), Joachim Schlömer, Christoph Marthaler e Romeo Castellucci (*Orfeu e Euridice* de Gluck, em 2014, no Teatro Real La Monnaie em Bruxelas) e Christian Schiaretti (*Castor e Pollux* de Rameau, em 2014, no Teatro dos Campos Elísios em Paris).

Hervé Niquet é o director musical do Coro da Rádio Flamengo e maestro convidado principal da Orquestra Filarmónica de Bruxelas. Sob a sua direcção, ambas as formações estão intensamente envolvidas no projecto de um CD em cooperação com o Palazzetto Bru Zane, com enfoque na gravação das cantatas do Prémio de Roma. Até ao momento, foram editadas obras de Claude Debussy, Camille Saint-Saëns, Gustave Charpentier, Max d'Ollone e Paul Dukas, bem como óperas raras de Victorin Joncières e Félicien David (*Herculanum*, Prémio Echo Klassik em 2016).

Uma parte essencial do seu trabalho é partilhar os resultados da sua pesquisa e interpretação, as mais recentes descobertas da musicologia e as exigências da vida de um músico. Envolve-se em projectos educativos de música destinados à próxima geração e orienta masterclasses e palestras.

Em 2019, Hervé Niquet recebeu um prémio honorário da Crítica Discográfica Alemã. É Cavaleiro da Ordem Nacional de Mérito e Comendador das Artes e das Letras.

## Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreesh, Riccardo Minasi, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e em Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigshafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de concertos em várias cidades portuguesas – incluindo os festivais Braga Barroca e Noites de Queluz. Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou

Cantatas de Natal e a *Missa em Si menor* de Bach, excertos do Messias de Händel e as *Vésperas de Santo Inácio* de Domenico Zipoli. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, conquistando elogios entusiasmados da crítica. Ainda no mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* sob a direcção de Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o cravista de renome internacional Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado em actuações no Porto e em digressão – Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. Em 2019, interpretou o *Stabat Mater* de Pergolesi e fez concertos dedicados à *Arte da Fuga* de Bach e às *Vésperas* de Monteverdi.

Na abertura da temporada de 2020, a Orquestra Barroca apresenta obras sacras de Charpentier sob a direcção de um dos maiores especialistas no Barroco francês, Hervé Niquet, e mais tarde volta a colaborar com os maestros-solistas Andreas Staier, Rachel Podger e Dmitry Sinkovsky. Interpreta ainda o *Stabat Mater* de Boccherini, obras de Bach e Telemann e celebra o Natal com um regresso à música de Charpentier.

A Orquestra Barroca Casa da Música editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

## Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música contou até 2019 com Paul Hillier no cargo de maestro titular. Apresenta-se regularmente na Casa da Música e em digressão, e tem sido também dirigido pelos maestros Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Andrew Parrott, Marco Menco-boni, Kaspars Putniņš, Gregory Rose, James Wood, Douglas Boyd, Martin André, Baldur Brönnimann, Laurence Cummings, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky, Takuo Yuasa, Paul McCreesh e Stefan Blunier. Ao longo de 2020, intensifica as colaborações com os maestros convidados Stephen Layton e Nils Schweckendiek, que se estreiam à frente do agrupamento, e também Sofi Jeannin. Eclético no seu repertório, o Coro é constituído por uma formação regular de 18 cantores, a qual se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação de obras como *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Te Deum* de Bruckner, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Missa em Si menor* de Bach, Sinfonias de Mahler, *Missa em Dó menor* e *Requiem* de Mozart, *O Cântico Eterno* de Janáček, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Messias* de Händel, *Te Deum* de Charpentier, *Oratória de Natal*, *Magnificat* e Cantatas de Bach, *História de Natal* de Schütz, *Requiem* de Verdi, *Missa para o Santíssimo Natal* de Alessandro Scarlatti, grandes obras corais-sinfónicas de Prokofieff e Chostakovitch,

*Requiem* de Schnittke, *Vésperas* de Monteverdi, *Missa n.º 5* de Schubert, *Stabat Mater* de Dvořák e a oratória *Paulus* de Mendelssohn.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça – que regressa à programação em 2020 – ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. As criações dos séculos XX e XXI têm também um peso importante no seu repertório, com obras de Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage, e as estreias nacionais de *Wohin bist du gegangen?* de Georg Friedrich Haas, *Stabat Mater* de James Dillon e *Moth Requiem* de Harrison Birtwistle.

Na temporada de 2020, o Coro Casa da Música colabora com o Remix Ensemble nas estreias mundiais de uma encomenda a Francesco Filidei e da versão cénica de *Die Hamletmaschine* de Georges Aperghis. Com a Orquestra Barroca Casa da Música, o repertório centra-se em Marc-Antoine Charpentier, e ao lado da Sinfónica apresenta missas de Mozart e a *Terceira Sinfonia* de Mahler.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e no Auditório Nacional de Madrid (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.



## **Orquestra Barroca Casa da Música**

### **Violino**

Huw Daniel  
Reyes Gallardo  
Cecília Falcão  
Ariana Dantas  
Bárbara Barros  
Flávio Aldo

### **Viola**

(hautes-contre)  
Trevor McTait  
Isabel Juárez  
(tailles)  
Raquel Massadas  
César Nogueira

### **Violoncelo**

Filipe Quaresma  
Vanessa Pires

### **Contrabaixo**

José Fidalgo

### **Oboé**

Pedro Castro  
Andreia Carvalho

### **Fagote**

José Rodrigues Gomes

### **Flauta de bisel**

Inês Moz Caldas  
Bárbara Sela

### **Órgão**

Fernando Miguel Jalôto

### **Trombetas**

Bruno Fernandes  
Daniel Louro

### **Atabales/Percussão Histórica**

Rui Silva

## **Coro Casa da Música**

### **Sopranos**

Ângela Alves  
Eva Braga Simões  
Joana Pereira  
Leonor Barbosa de Melo  
Rita Venda

### **Contraltos**

Brígida Silva  
Iris Oja  
Joana Valente  
Maria João Gomes

### **Tenores**

André Lacerda  
Carlos Monteiro  
Christopher Lombard  
Vítor Sousa

### **Baixos**

Lúis Pereira  
Nuno Mendes  
Pedro Guedes Marques  
Ricardo Torres  
Tiago Matos

### **Maestrina co-repetidora**

Iris Oja

### **Organista co-repetidor**

Fernando Miguel Jalôto

## próximos concertos

24.01 sexta · 21:00 sala suggia

# UM VIRTUOSO PARA SHUMANN

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

OLARI ELTS direcção musical

PABLO FERRÁNDEZ violoncelo

obras de Antonín Dvořák e Robert Schumann

26.01 domingo · 12:00 sala suggia

# A SÉTIMA DE DVOŘÁK

SINFÓNICA AO DOMINGO CONTINENTE

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

OLARI ELTS direcção musical

concerto comentado por DANIEL MOREIRA

Antonín Dvořák *Sinfonia n.º 7*

## próximos concertos

01.02 sábado · 18:00 sala suggia

# REDESCOBRIR BEETHOVEN

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

RYAN WIGGLESWORTH direcção musical e piano

obras de Ludwig van Beethoven e Mark-Anthony Turnage

02.02 domingo · 18:00 sala suggia

# O GÉNIO DE LOPES-GRAÇA

CORO CASA DA MÚSICA

PAUL HILLIER direcção musical

obras de Fernando Lopes-Graça

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

